

Participação da comunidade alivia pressões

Nehil Hamilton

Se a escola deixa de ser domínio dos diretores e professores e passa a ter uma participação maior da comunidade, o resultado é um lugar melhor para todos.

A pesquisa realizada pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília (UnB) descobriu que, onde há conselhos escolares que funcionam, professores que participam, diretores eleitos, a violência diminui, os professores têm menos problemas, as crianças ficam mais tempo na escola e repetem menos de ano.

Das escolas classificadas pelos pesquisadores como democráticas — em que os diretores são eleitos — e participativas, o que significa que há um conselho escolar, em apenas 8% há alta evasão, e 7,9% têm alta reprovação.

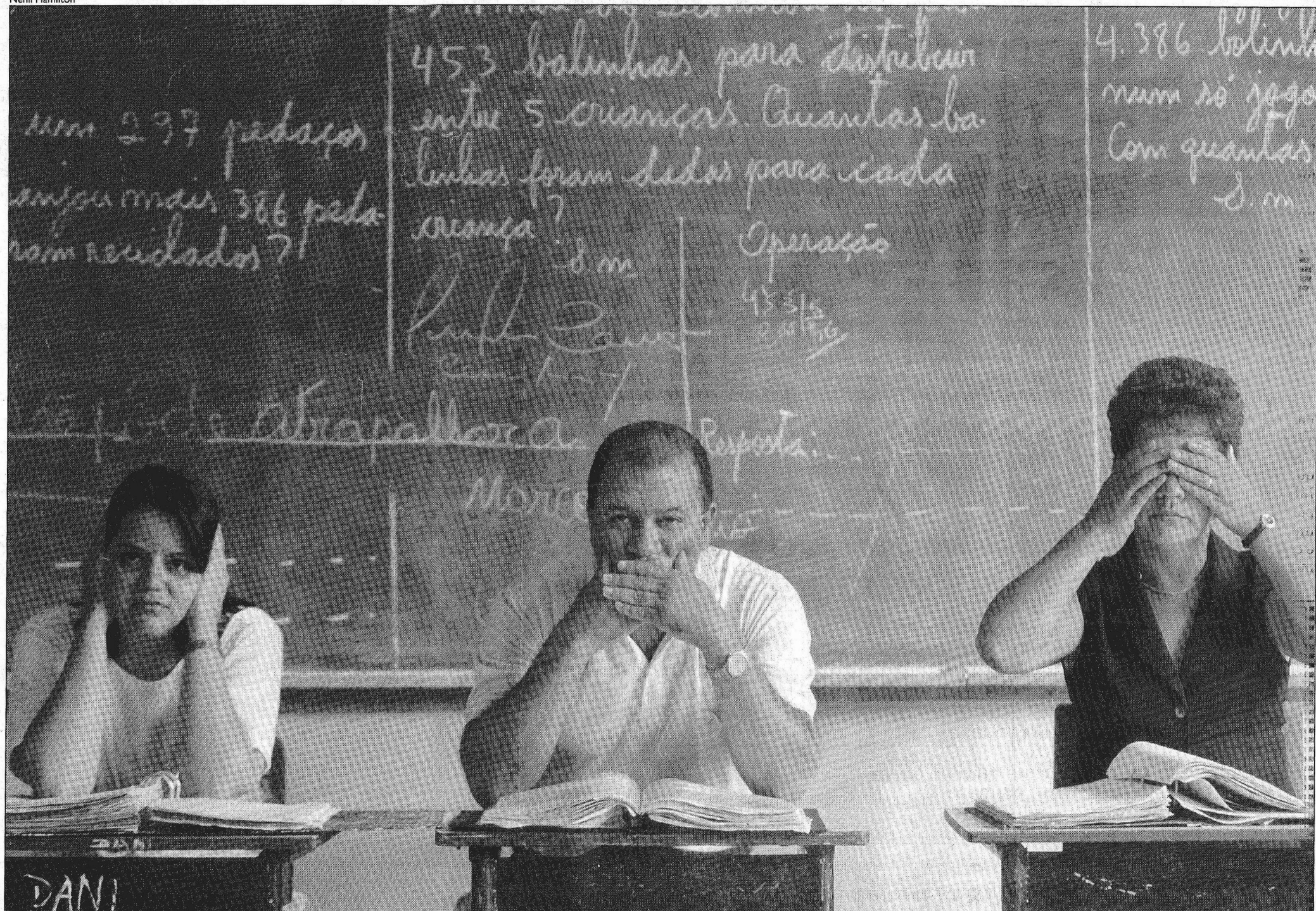
Entre aquelas com gestão tradicional — com diretores indicados e pouca ação por parte do conselho — 18,4% foram apontadas como tendo alta taxa de evasão, e 15,1%, com alta reprovação.

A segurança também depende de quanto a comunidade se importa com a escola. A pesquisa mostra que, onde há alta participação de pais e professores nas decisões, mais de 30% não têm problemas com violência. Nas com baixa participação comunitária, mais de 30% registram casos de vandalismo e agressões entre alunos e a professores.

“É um fator essencial. A violência tende a diminuir quanto maior a participação da comunidade”, explica Iône Vasques-Menezes, coordenadora da pesquisa.

E o medo da violência é algo palpável entre professores de escolas públicas, principalmente aqueles que trabalham na periferia. “Qualquer um de nós já ouviu professores dizendo que deixam de ser mais duros com um aluno por medo de represálias”, conta a professora Ana Lúcia Rosa.

Na sua escola, na Candangolândia, já apareceram alunos armados, alguns já ameaçaram professores. “Isso é algo que não estamos preparados para lidar, que não há ninguém para nos orientar”, diz



Ana Lúcia, Nilton e Marizete: com uma grande carga de trabalho e dificuldade em encontrar espaço para suas opiniões, os professores dizem que, por mais que façam, se sentem impotentes para mudar as coisas

Marizete Sampaio. “Vai além da formação que nós temos.”

Mesmo que a formação dos professores brasileiros seja superior ao que se acredita. O estudo da UnB mostra que apenas 8,4% dos 52 mil entrevistados estudaram menos do que deviam. Outros 24% estudaram mais. “Mesmo que es-

tudar mais na maior parte dos casos não signifique ter qualquer tipo de recompensa financeira, eles assim mesmo continuam se aperfeiçoando”, afirma Iône.

Tanto Marizete e Ana Lúcia quanto Nilton Rosa são pedagogos formados. Qualificação superior à exigida atualmente pela lei

para dar aulas para 1ª a 4ª séries — um professor pode lecionar para essas séries tendo apenas o magistério. Mas a faculdade não os prepara para trabalhar psicologicamente com a violência que cresce nas escolas e com aquela que as crianças trazem de casa. “Aí que aparece a solidão porque

não temos quem nos oriente”, afirma Marizete.

Independente da qualificação, ainda há coisas que o professor na sala de aula não pode fazer sozinho. Segundo os três professores, poucas escolas têm uma figura considerada essencial para aliviar a pressão sobre o corpo docente: o

orientador pedagógico. “Algumas poucas já tem, mas o trabalho ainda não é organizado, não funciona como deveria”, explica Nilton Rosa. “Mais do que salários, condições de trabalho é o que tiraria de cima de nós um pouco da pressão e da sensação de que não vamos conseguir.” (LP)